

V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

A HISTÓRIA DOS INDIVÍDUOS OU O INDIVÍDUO NA HISTÓRIA

A escrita de si em Dona Teresa Cristina, a última imperatriz do Brasil

*Rodrigo da Silva Félix**

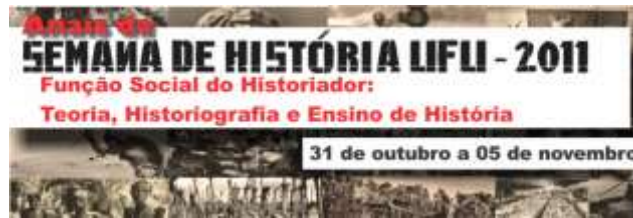
Resumo: Este artigo traz algumas reflexões acerca da importância da memória para a história partindo das experiências de indivíduos manifestadas por meio da escrita, sobremaneira a memória e a escrita feminina, chamada de “literatura do íntimo”. A figura de Dona Teresa Cristina de Bourbon, a última imperatriz do Brasil, reflete o conceito de mulher virtuosa, mãe devotada ao lar, ao esposo e aos filhos, conceito este firmado e vivido na sociedade brasileira do século XIX. O gênero biográfico vem sendo discutido com interesse na historiografia brasileira, gerando debates sobre a escrita, a compreensão do cotidiano e da experiência de vida, assim como, sua importância para a história.

Palavras chaves: Escrita. Memória. Feminino. Biografia.

1. Memória e história.

De acordo com Jacques Le Goff (2003), o conceito de memória é crucial. O processo da memória no homem faz intervir não somente a ordenação de vestígios, mas também as releituras desses vestígios, levando em conta o processo de aprendizagem em que o ser humano desenvolve-se e capta realidades internas e externas. Para Pierre Nora a história e a memória não são sinônimos. A história está sempre em construção, incompleta do que já não existe mais. A memória, por sua vez, é um fenômeno sempre atual, um elo entre o vivido no eterno presente.

* Graduado em Filosofia pela PUC - Minas, pós graduado em Filosofia e Educação pela Faculdade de Tecnologia, Ciência e Educação – FATECE e mestrando em História na Universidade Federal de Uberlândia – UFU.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

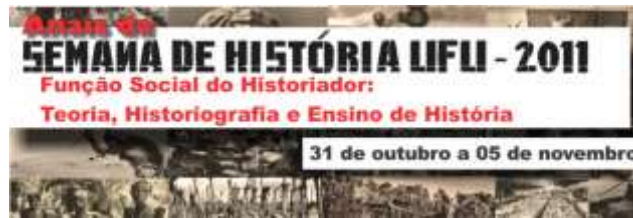
Na perspectiva de Márcia D'Alessio (2001) História e Memória tem algo em comum, ambas carregam um duplo significado. A história é uma experiência coletiva dos homens e a elaboração intelectual sobre ela. Já a memória é um registro, armazenamento, mas também permite trabalhar melhor com os dois fenômenos que aparecem interligados no cotidiano.

Desta forma, a noção de memória e identidade entra no cerne da discussão. Neste caso, a memória se constitui como um importante meio de conscientização ou construção de uma identidade ancorada nas experiências vividas em um determinado contexto histórico e, conforme Astor Diehl (2002), a memória é diferente de lembrança, visto que, não se constitui de uma simples rememoração de acontecimentos perdidos no tempo, mas algo importante ligado ao acúmulo de experiências,

Memória significa, aqui, experiências conscientes, ancoradas no tempo passado facilmente localizável. Memória possui contextualidade e é possível ser atualizada historicamente. Ela possui a maior consistência do que lembrança, uma vez que é uma representação produzida pela e através da experiência [...]. A memória pode constituir-se de elementos individuais e coletivos, fazendo parte de perspectivas de futuro, de utopias, de consciências do passado e de sofrimentos. Ela possui a capacidade de instrumentalizar canais de comunicação para a consciência histórica e cultural, uma vez que pode abranger a totalidade do passado num determinado corte temporal (DIEHL, 2002, p. 116).

Dentro do panorama histórico, a crise gerada pelo fracasso dos sistemas totalitários manifesta a supervalorização do indivíduo pela sociedade atual. Tal fato é perceptível, à guisa de exemplo, pelo realce das biografias que, presentificando uma crítica ao desprezo marxista pelo papel do indivíduo na história, conforme Costa Franco (2003, p. 13), coloca o indivíduo exposto em sua intimidade.

A Europa do século XIX foi palco de um importante desenvolvimento industrial e tecnológico, do mesmo modo, as potências imperialistas procuravam justificar a expansão de seus impérios apoiando-se em uma ideia de razão e de verdade absoluta da ciência. Nesse contexto, duas correntes de pensamento dominavam a mentalidade europeia: o racionalismo e o conservadorismo. Segundo o historiador Robert Nisbet



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

(1986), este pensamento era basicamente uma oposição a toda mudança, a todo desenvolvimento, ou seja, cria-se que os alicerces do conservadorismo presentes na sociedade garantiriam a ordem e a conservação da mesma. Nessa perspectiva, o papel do indivíduo não era importante para o desenvolvimento da sociedade.

O positivismo de Auguste Comte demonstrava que o papel da ciência era superior e responsável pelo progresso, o que reduzia o ser humano a um espectador, “coletor de fatos”. Em contrapartida, surge a figura do herói, segundo Sabina Loriga (1998, p.233), valorizando suas potencialidades, seu “potencial de ação”.

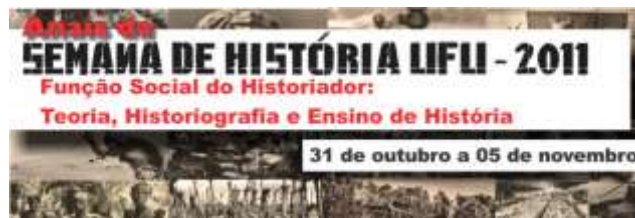
O século XX caracteriza-se por profundas mudanças políticas e sociais marcadas pelas duas grandes guerras mundiais. Nesse contexto, surge na França, a importante Escola dos Annales (1929-1989) tendo como protagonistas Lucien Febvre e Marc Bloch. Essa “revolução francesa da historiografia”, conforme Peter Burke enuncia no título de seu livro (1997), foi um movimento significativo no qual conceito de história tradicional, política e social foi debatido, propondo marcadamente estruturas e novos métodos de abordagem, assim como, reflexões acerca do papel do indivíduo na história.

O ressurgimento da biografia, segundo Sabina Loriga (1998), leva-nos a observar a história de indivíduos, manifestadas através de suas experiências do cotidiano manifestadas através da memória. Nas palavras da autora,

A redescoberta da biografia remete principalmente a experiências no campo da história atentas ao cotidiano, a subjetividades outras: por exemplo, a história oral, os estudos sobre a cultura popular e a história das mulheres. O desejo de entender o campo da história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico (LORIGA, 1998, p. 225).

1.2. Memória e a escrita de si na história das mulheres

Nesse contexto, o próprio ofício do historiador consiste em dar uma nova significação do presente, vislumbrando a esperança para o futuro contida na história, ou seja, “libertar a memória”. Portanto, surge o olhar sobre a memória feminina em uma



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

abordagem antropológica e histórica sobre como as mulheres viam-se e compreendiam-se na sociedade.

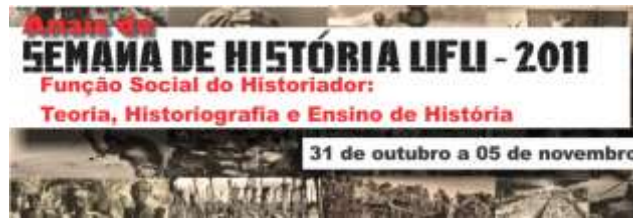
Na reflexão de Michelle Perrot (1989, s/d), “a memória das mulheres é verbo”, lembrando a condição de sua vivência no seio da família, ligadas às tradições, à memória do privado, sempre direcionada ao íntimo, ao familiar. Às mulheres cabe recolher em suas “rememorações” sua própria identidade, as reflexões sobre o cotidiano, sobre suas escolhas, o real de suas vidas.

A escrita de si, através de cartas e diários, insere as mulheres do sec. XIX nas variadas manifestações da memória presentes em um processo que ia da correspondência familiar à literatura e à vida pública, norteado pela “circulação da palavra”.

Nesse contexto podemos observar a imperatriz Teresa Cristina como uma esposa devotada aos filhos, ao marido, ao lar, de acordo com o que se esperava do comportamento feminino. Igualmente é possível vê-la neste espaço íntimo, predominante em seus diários, lugar mais sagrado que o confessionário. Esse conjunto de comunicação de si e do mundo permite a mulher da era vitoriana julgar, posicionar-se e atuar, sempre neste universo particular. Andrea Gonçalves (2006) ressalta a importância dos diários íntimos com relação às cartas, lugar onde se expressam os sentimentos mais secretos,

Os diários pessoais, por sua vez, tornaram-se moda febril em vários países do mundo ocidental no século XIX. Apesar de pertencerem ao subgênero “literatura do íntimo”, os diários tem uma diferença marcante em relação às cartas: pelo menos a princípio, e, sobretudo conquanto registro da vida íntima, e não como anotações de reflexões literárias, filosóficas, etc.. Não foram escritos para serem lidos até mesmo pelo círculo mais íntimo que gravitava em torno de seus autores. Afinal, e a redundância é proposital, os diários eram o produto de uma cultura que não media esforços para manter assuntos privados em âmbito privado(...). A febre dos diários teria contagiado principalmente as mulheres (GONÇALVES, 2006, p.104-105).

Segundo Ângela de Castro (2004), a história da educação no Brasil imperial é um bom exemplo para verificar o âmbito da vida das mulheres, dado o grande número do professorado feminino na escola formal. É possível perceber, através do que ela chama de “escritas típicas do espaço privado”, referindo-se aos diários e



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

cartas, uma maneira privilegiada para se compreender o universo feminino. A figura feminina, tão fortemente moldada no vitoriano séc. XIX, segundo Michelle Perrot (1989), coloca a mulher em um “espaço sexuado”, onde sua representatividade (memória) e ação devem corresponder a um imaginário onde aquela que foge à regra deve ser posta de lado,

A cidade do séc. XIX é um espaço sexuado. Nela as mulheres se inserem como ornamentos, estritamente disciplinadas pela moda, que codifica suas aparências, roupas e atitudes, principalmente no caso das mulheres burguesas cujo lazer ostentatório tem como função mostrar a fortuna e a condição do marido (PERROT, 1989, s/d).

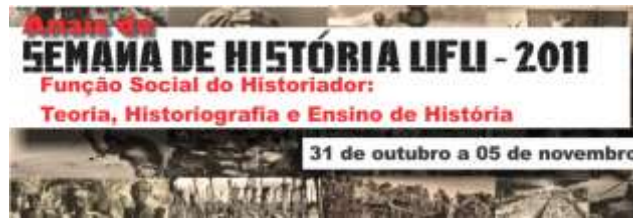
De acordo com a interpretação de Tânia Zimmermann (2004),

Para Perrot: os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição na família e na sociedade [...] Das questões apontadas está a dificuldade de mulheres se expressarem sobre suas ações nos acontecimentos públicos, suas resistências e, sobretudo, de falarem de si, de dizerem “EU”, devido à educação que inculcou nelas o esquecimento de si para doarem-se principalmente, ao esposo e aos filhos (ZIMMERMANN, 2004, p.37).

No séc. XIX, tudo, ou quase tudo, era proibido às mulheres; aos homens cabia a política, os livros, a escrita, em suma, a vida pública. A mulher se dedicava ao íntimo, à casa, aos filhos, ou seja, à “paixão pelas coisas”, pelos objetos, pelos álbuns de família etc. Diante dessa questão, vemos presentes, em Dona Teresa Cristina, as aclamadas virtudes femininas, pelas quais foi chamada de mãe dos brasileiros e modelo de todas as virtudes domésticas (ZERBINI, 2007, p. 1).

Consequentemente, a figura da mulher, de seu espaço de vida e atuação, tal como sua memória, é colocada no conjunto das discussões sobre a noção de indivíduo, história e cultura. A crise gerada pelo fracasso dos sistemas totalitários impulsionou a sociedade hiper-moderna, tão marcada por avanços na tecnologia, a rever seus conceitos e os papéis que envolvem questões de gênero.

Nessa perspectiva propomos acentuar, não a imagem tradicional da mulher coadjuvante e expectadora, mas analisar a presença de uma cultura feminina que reforça sua identidade frente à concepção masculina do mundo. Nas palavras de Tânia Zimmermann (2004),



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

A biografia histórica, a partir da memorização de mulheres notáveis, possibilita recuperar alguns fragmentos de experiência tanto pública como privada, o que permite tirá-las das sombras do teatro da memória (ZIMMERMANN, 2004, p. 42).

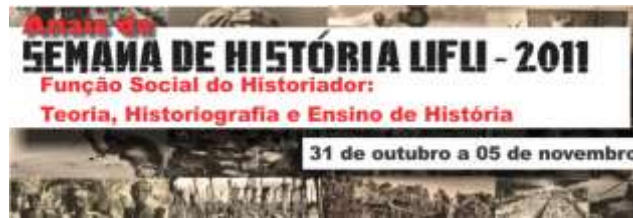
Ao falar da memória feminina estamos falando do resgate da história das mulheres, que floresceu a partir dos anos 80, onde a categoria de identidade feminina se firmou, contudo, não limitada ao fator biológico. Neste caso, a memória não está relacionada com a concepção moderna de lembrança, simplesmente, mas como fatos que estabelecem relações com o passado, conforme Suely Kofes (1997),

Memória e gênero. A memória, se considerada como lembrança e esquecimento ancorados no presente, seria uma fonte inviável [...]. Para o autor, a lembrança pessoal está situada na encruzilhada na rede de solidariedade múltipla, com as quais, os indivíduos estão comprometidos [...], as lembranças também falam do passado. Nos parece mais adequado, portanto, falar em recriação e em experiências. Ora, nessa interação entre passado e presente, nessa recriação através de experiências diversificadas dos sujeitos pressupomos a atuação gênero (KOFES, 1997, p. 347).

Segundo a reflexão de Paul Ricoeur (2000), a memória permite tocar aquilo que vivemos, é uma experiência essencial para o reconhecimento do passado, todavia, sem negar o “enigma” e os abusos possíveis neste exercício, mas que, em absoluto, impede o que ele chama de “pequeno milagre da memória” tornando o passado presente, ou seja, naquilo que ele já foi,

[...] apesar das armadilhas que o imaginário arma para a memória, pode-se afirmar que uma busca específica da verdade está implícita no olhar sobre a coisa passada [...]. Essa busca da verdade específica a memória como grandeza cognitiva. Mais precisamente, é no momento do reconhecimento, no qual se conclui o esforço da lembrança, que essa busca da verdade se declara. Sentimos e sabemos que algo se passou, que algo aconteceu, que nos implicou como agentes, como pacientes, como testemunhas [...] à memória está ligada a uma ambição, uma pretensão, a de ser fiel ao passado; a esse respeito, as deficiências atinentes ao esquecimento [...] não devem ser de início tratadas como formas patológicas, como disfunções, mas como o lado sombrio da região iluminada da memória (RICOEUR, 2000, p. 26, p.66).

1.3. Biografia e a história



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

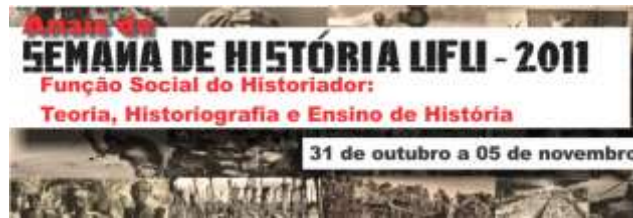
O gênero biográfico tem sido objeto de discussões relevantes entre muitos historiadores, tais como o sociólogo Pierre Bourdieu, Philippe Levillain, Geovanni Levi e Benito Schimidt, cada qual abordando diferentes perspectivas em torno da biografia. Em seu artigo *A ilusão biográfica* (1986), Bourdieu mostra a importância da história de vida, esse caminho individual que é indissociável do contexto histórico. Em suas palavras,

Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história [...]. Uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história (BOURDIEU, 1986, p. 186).

Diante dessa questão, surge a discussão acerca da existência de uma individualidade, que modifica e é modificada por fatores sociais, mas que também se coloca no campo da análise. Historiadores contemporâneos apontam para a necessidade de se ver o gênero biográfico como uma possibilidade de se fazer história. Conforme afirma Le Goff (1996, p.12-15). Não é simplesmente “descrever a trajetória” de alguém, mas um conjunto de redes, no qual, o biógrafo se manifesta, como ressalta Valéria Guimarães (2002). Da mesma forma, Alexandre Avelar (2010) aponta para a relação intrínseca entre o historiador-biógrafo e o biografado e, ao mesmo tempo, chama a atenção para o perigo presente em algumas biografias que formatam e definem seus personagens,

O texto escrito por um historiador-biógrafo deve, portanto, contar a história real de uma vida, o que nos coloca inevitavelmente no cerne da problemática da narrativa, ou do seu retorno [...]. Ao construir biografias, os historiadores devem estar atentos aos perigos de formatar seus personagens e de induzir o leitor à expectativa ingênua de estar sendo apresentado a uma vida marcada por regularidades, repetições e permanências (AVELAR, 2010, p. 161-162).

Teresa Cristina Maria de Bourbon nasceu em Nápoles, no dia 14 de março de 1822, ano significativo para sua futura pátria que, então, ficava independente de Portugal. Seu pai, Francisco I, após a derrota de Napoleão, uniu os reinos de Nápoles e da Sicília, dando origem ao Reino das Duas Sicílias. Sua mãe, Maria Isabel da Espanha,



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

era irmã da polêmica Carlota Joaquina, avó de seu futuro esposo, Dom Pedro II. Mary Del Priore (2009) traça uma imagem de sua infância,

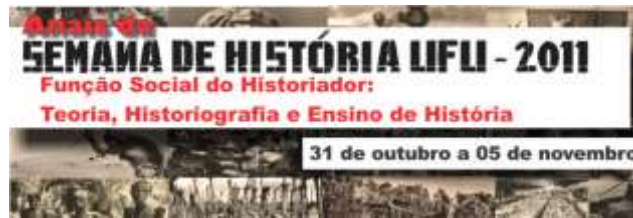
Teresa Cristina cresceu num ambiente feito de tradição, medo e intransigência, emoldurado pelos conventos que davam a Nápoles um aspecto triste. Sua educação foi limitada à cesta de costura, ao piano e ao canto. Dizem alguns que “não pensava em nada”. Mas se não pensava, sentia. E sentia muito. (DEL PRIORE, 2009, p. 168).

O casamento, realizado com o imperador do Brasil, foi feito por procuração em Nápoles, no dia 1 de julho de 1843. Em 3 de setembro, a bordo da fragata *Constituição*, a nova imperatriz chegava ao Rio de Janeiro. Durante os 46 anos em que viveu em terras brasileiras, Teresa Cristina procurou destacar-se na vida familiar, na devoção às filhas e na religião. Também gostava de música, canto e arqueologia; financiou, antes mesmo de vir para o Brasil, escavações em Herculano e Pompeia, trazendo consigo peças que formam uma importante coleção do Museu Nacional que, por isso, leva seu nome. Segundo a escritora Eugênia Zerbini (2007), o interesse da imperatriz por arqueologia fugia completamente do padrão de comportamento feminino do séc. XIX.

Teve quatro filhos, sendo que os dois meninos morreram ainda crianças, permanecendo as princesas Isabel e Leopoldina. Viveu muitos dissabores, sendo célebre o suposto romance de Pedro II com Luisa Margarida, a Condessa de Barral. Não foi uma figura de importância no conturbado cenário político do Segundo Reinado, todavia, segundo Carl Koseritz (1980), era a mulher mais respeitada em todo país, e que a considerava modelo de todas as virtudes.

Teresa Cristina faleceu em 28 de dezembro de 1889, sendo sepultada no panteão real dos Bragança em São Vicente de Fora, Lisboa. Seus restos mortais foram trazidos, juntamente com os de Dom Pedro II, em 1922, e sepultados na cripta imperial da Catedral de Petrópolis. Várias cidades brasileiras homenageiam Dona Teresa Cristina, tais como, Teresópolis, no Rio de Janeiro, Teresina, no Piauí, e Imperatriz, no Maranhão. Por sua personalidade introspectiva e sua devoção à religião, à família e aos pobres, foi chamada de a “mãe dos brasileiros”.

Referências bibliográficas



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

AVELAR, Alexandre. *A biografia como escrita da história: possibilidades, limites e tensões*. Dimensões, vol. 4, 2010, p. 157-172.

BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil*. São Paulo: UNESP, 2003.

BERNARDES, Maria Elena. *A invisibilidade feminina na política*. Campinas: UNICAMP/CMU, 2007.

BLOCH, Marc. *Apologia da História: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, P. 183-191).

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.

CARVALHO, José Murilo. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CORRENTI, Santi. *Breve Historia da Sicília*. 2.ed. Roma: Newtoncompton Editori S.R.L, 2005.

DaMATTA, Roberto. *O que faz do brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

D'ALESSIO, Márcia Mansor. *Memória e historiografia: limites e possibilidades de uma aproximação*. São Leopoldo, 2001. s/d.

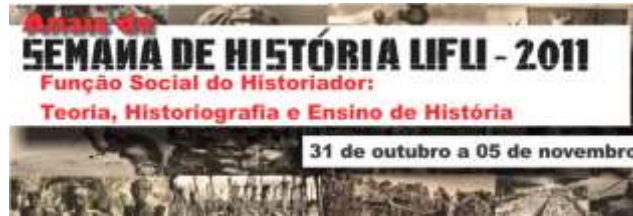
DOM PEDRO II. *Viagens pelo Brasil - diários de viagem 1859*. Rio de Janeiro: Letras & Expressões, 2003.

DIEHL, Astor. *Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru: EDUSC, 2002.

GAY, Peter. *A experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud. A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GONÇALVES, Andrea L. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si e a escrita na história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

GUIMARÃES, Valéria Lima. *Em torno da biografia como gênero: apontamentos para uma reflexão epistemológica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1980.

KOFES, Suely. *Memória de Histórias Femininas, Memórias e Experiências*. Campinas: UNICAMP, 1997

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEVILLAIN, Phelippe. *Os protagonistas da biografia*. In: REMÓND, René. *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996, p.148-149.

LEVI, GEOVANNI. *Os usos da biografia*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, P. 167-182.

MATOS, Maria Izilda de. *Por uma História da Mulher*. São Paulo: EDUSC, 2001.

_____. *Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros- percursos e possibilidades*. In: SAMARA, Eni de Mesquita. *Gênero em debate: trajetória e perspectiva na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUSC. 1997.

NEVES, Lúcia Maria Bastos (org). *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. *Revista Bras. de História*. São Paulo: 1989 p. 9-18.

_____. *Memórias Femininas, Mulheres Públicas*. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PIRES, João Ricardo. *Notas de um diário de viagem a Minas Gerais- 1881*. Belo Horizonte: UFMG, 2007: (dissertação de mestrado).

PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres: as vozes do silêncio*. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org). *História Brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *O príncipe maldito*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

_____. *Condessa de Barral: A paixão do imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

RAGO, Margareth. Descobrimo Historicamente o Gênero. *Cadernos Pagu* (11) 1998: p. 89-98. s/d.

_____. Epistemologia feminista: gênero e história. In: Pedro; Joana; Grossi (orgs). *Masculino e feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

RIBEIRO, Renilson Rosa. Nos jardins do tempo: memória e história na perspectiva de Pierre Nora. *História e-história*, 17 de agosto de 2008.

RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.

ROCHA, Levy. *Viagem de Pedro II ao Espírito Santo*. Vitória, 2008.

ROQUETE, José Inácio. *Código do bom-tom: ou regras de civilidades e de bem viver no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Lilia Schwarcz (org).

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p.76-76.

LORIGA, Sabina. *A biografia como problema: jogos de escalas*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *De olho em D. Pedro II e seu reino tropical*. São Paulo: Claro Enigma, 2009.

SHIMIDT, Benito Bisso. Construído biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. *Estudos Históricos*, 1997. s/d.

_____. Grafias da Vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *História Unisinos*: Vol. 8, n. 10, jul;dez, 2004.

_____. GOMES, Ângela de Castro (orgs). *Memórias e narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

TAUNAY, Afonso. *No Rio de Janeiro de Dom Pedro II*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.

ZERBINI, Eugênia. A imperatriz invisível do Brasil. *Revista da Biblioteca Nacional*, 02 de Fevereiro de 2007.

ZIMMERMANN, Tânia. Biografia e Gênero: repensando o feminino. *Revista de História Regional* 9(1): 31-44, Verão 2004.